

VIAE

# Incêndio não abalou estrutura do prédio do MAM

O Embaixador Hugo Gouthier, contrariando as estimativas do Serviço de Perícia de Engenharia do Instituto de Criminalística, informou que o laudo pericial sobre as causas do incêndio responsável pela destruição de praticamente todo o acervo do Museu de Arte Moderna, na madrugada de sábado, já estará concluído amanhã, sabendo-se de antemão que a estrutura do prédio não foi abalada.

Para José Maria Azevedo, diretor daquele serviço do Instituto de Criminalística e que, em companhia de Luís César Pires, examinou ontem durante duas horas os andares atingidos, esse laudo, entretanto ainda não tem prazo determinado para ser entregue. Embora não quisessem antecipar as origens do fogo e sem afastar qualquer hipótese como causa, ambos comentaram com o Embaixador Gouthier que já sabiam como teve início o incêndio, mas não entraram em detalhes.

Na opinião de José Maria Azevedo, que voltará hoje ao MAM e que foi o chefe da equipe técnica responsável pelo laudo pericial sobre o desabamento parcial do Elevado da Av. Paulo de Frontin em 1971, o mais importante não é a causa do incêndio, e sim o que transformou

um simples foco de fogo em sinistro de tamanhas proporções. Sem comentar a atuação dos bombeiros e afirmando que irá sugerir, no laudo, o futuro uso de painéis metálicos para o MAM, Azevedo fez uma acusação aos decoradores:

— Os nossos maiores inimigos são os decoradores, que jamais cogitam da possibilidade de incêndios. Aqui no Museu, todos os painéis são de madeira e o teto, falso, o que facilitou a propagação das chamas, já que o material era altamente combustível.

A Diretora do MAM, Heloisa Lustosa, muito preocupada com o problema do seguro e com a urgência de verbas para reconstruir o que foi destruído pelo fogo, assegurava que não houve qualquer negligência por parte do Museu e quis saber de José Maria Azevedo porque a Cinemateca não foi atingida, já que está situada logo no andar superior.

— A Cinemateca foi salva — respondeu o técnico do Instituto de Criminalística — devido às paredes de alvenaria que lhe protegem 70 por cento da área.

## EXTINTORES

José Maria Azevedo afirmou que os extintores do prédio do MAM es-

tavam dentro do prazo de operacionalidade, mas que, no futuro, terá de ser feita uma distribuição racional dos mesmos em toda a área do Museu.

— O Museu de Arte Moderna — explicou — deveria dividir seu ambiente e controlar a carga de incêndio, que é a quantidade de material de fácil combustão por metro quadrado. A solução, a meu ver, seria a divisão do prédio em áreas estanques, com portas corta-incêndio. Os vigias, por sua vez, deveriam também estar dentro do prédio. Em incêndios como o que destruiu o Museu — acrescentou ainda —, a utilização de extintores manuais só é eficiente quando do início das chamas e, nesse instante, todos precisam agir com rapidez.

O Corpo de Bombeiros não quis comentar ontem as críticas feitas pela direção do também MAM de que houve atraso dos bombeiros, que demoraram quase uma hora para chegar ao local do incêndio. O oficial-de-dia esquivou-se a qualquer comentário sobre o assunto, alegando que os esclarecimentos serão prestados hoje pela Assessoria de Comunicação Social da Secretaria de Segurança Pública.



Os peritos percorrem os andares atingidos do Museu, para avaliar os danos causados pelo incêndio

## Soldado doa 4 quadros para futuro acervo do museu



Joacyr, o doador, Hugo Gouthier e Heloisa Lustosa

A primeira pessoa a doar quadros para o futuro acervo do MAM foi um desconhecido soldado do Batalhão de Choque da Polícia Militar, Joacyr Siqueira de Souza, de 30 anos, aluno do curso de pedagogia da Sociedade Universitária Augusto Mota (SUAM) e que fez ontem mesmo a sua oferta, depois de viajar durante mais de uma hora de ônibus de Higienópolis, bairro de Nova Iguaçu, até o Museu, onde entregou à sua diretora, Heloisa Lustosa, quatro peças que adquiriu com alguma dificuldade.

Residente à Rua Tamoiós 1, naquele subúrbio, Joacyr chegou ao MAM por volta das nove horas, trazendo na mão esquerda um pacote que continha os quatro quadros e, na mão direi-

ta, um exemplar do GLOBO, aberto à página em que se noticiava o incêndio no Museu. Contou ele que retirou os quadros da parede de sua casa tão logo soube do que acontecera:

— Estou profundamente chocado. Meus quadros, adquiridos com certa dificuldade, não valem muito, pois estão assinados por pessoas desconhecidas do meio artístico. São pinturas de paisagens e de coisas abstratas. Não entendo muito de artes plásticas, mas costumava frequentar o Museu. Acho que todo mundo deve dar a sua contribuição. Vim de longe, enfrentei uma viagem num ônibus empoeirado, mas aqui estou.

Antes de entrar em contacto com a Diretoria do MAM, o soldado Joacyr procurou o respon-

sável pelo policiamento, Tenente Menezes, colocando-se à disposição de seu superior. Dois dos quadros são de autoria de Carlos Fernando Azevedo Siqueira, seu primo. Um deles retrata a praia de Tucumã, em Niterói, e o outro é uma natureza-morta. Os outros dois, menores, foram executados por Regina Coelli (uma paisagem de Natal) e Célia Rodrigues Popovich, de quem Joacyr comprou um quadro abstrato.

— Estes quadros — disse o soldado — não me custaram mais do que Cr\$ 5 mil. Podem não ter nenhum valor artístico, concordo, mas já é alguma coisa para um Museu que perdeu quase todo o seu acervo em uma única madrugada.

## Segurança nos museus não segue padrões internacionais

— Todos os museus brasileiros estão longe de possuir um sistema de combate a incêndios que chegue aos padrões internacionais de segurança — disse ontem a diretora da Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro (Femurj), Neusa Fernandes.

— Esse — acrescentou — não é um problema só dos museus, isto é, não é um problema museológico, e esse incêndio do MAM não pode ser analisado sob uma ótica tão simplista. Há um sistema de segurança contra incêndios, que é feito dentro das condições brasileiras. Existem alarmas contra roubos, por exemplo, que funcionam.

## CASAS ADAPTADAS

Neusa Fernandes explicou que todos os museus do Rio de Janeiro funcionam em casas adaptadas. “E nessas casas os sistemas de segurança têm que ser adaptados. O sistema brasileiro é o dos extintores, que estão em dia. Essa é a nossa segurança. Não há como prever um sistema melhor, porque não houve, em todos os casos, um projeto durante a construção, pois os museus já pegaram as casas prontas”.

— Fazemos o que podemos — afirmou a diretora da Femurj — mas a desgraça pode acontecer com um museu, ou com a biblioteca da igreja. Estou solidária com o MAM porque estamos no mesmo barco. Só posso lamentar a perda de um patrimônio tão valioso.

40201

## A ÓPERA DE SÁBADO

## 'Otello', a grandeza do trabalho conjunto

Foram quatro horas de grande arte audio-visual. O fôlego dramático que sustentava permanentemente o interesse da audiência não procedia de uma individualidade de qualidades excepcionais no palco. Ao contrário, vinha do palco, em sua totalidade, transformado em organismo coeso, vivo, todas as suas moléculas vibrando em fatal interdependência. Desde a tempestade que abriu às 9h15m da noite de sábado com os terríveis desenhos ascendentes em traços vertiginosos da orquestra, como chicotadas premonitórias no coração do mouro, até os últimos suspiros de "Otello" na agonia dos arcos e das embocaduras, à uma hora da madrugada de ontem, o palco do Teatro Municipal prendeu a alma coletiva da platéia e, não fossem os acidentes com as luzes que provocaram uma parada cardíaca da orquestra, logo na iminência do "Credo" de Iago, no segundo ato, por culpa da Light, diríamos que não houve um momento a permitir a mais leve desatenção. O fluxo sanguíneo, o ritmo respiratório, diástole e sistole da válvula dramática, no texto de Shakespeare destinado à inteligência, tudo encontrou no trabalho de Oscar Figueroa à frente das complexas equipes responsáveis pela ópera, a tradução ideal do resumo de Arrigo Boito que Verdi colocou na linguagem das sensações.

Não esqueçamos "Desdémonas" fantásticas de outras épocas, "Iagos", "Otelos" e "Cassios" espetaculares, mas, da obra prima do gênio dramático de Verdi, como um todo, devemos confessar que não lembramos melhor realização.

O coro foi mais que admirável, superando sua excelente atuação em "Turandot", cênica e vocalmente. A movimentação inicial, a multidão fervilhante na expectativa da chegada de "Otello", no primeiro ato, a dignidade nas atitudes oficiais do terceiro ato, mesmo como atores, os melhores profissionais que o Rio tem nesse gênero foram um importante sustento do interesse da parte visual da ópera. Musicalmente, estiveram melhor do que nunca, afinados, densos, expressivos, homogêneos. Também a orquestra, acompanhando os solistas com uma flexibilidade excepcional, demonstrou inclusive uma capacidade que há muitos anos não testemunhámos na OSTM para o refinamento camerístico, em partitura que constitui talvez a prova mais difícil do repertório, não só para todos os naipes, para cada um dos instrumentistas. Esses méritos são para creditar ao maestro Tauriello, uma das maiores autoridades que já passaram pelo podium do Teatro em todos os tempos, músico até as unhas, parecendo sempre condicionar com seus próprios pulmões cada acento, cada inflexão,

## ELENCO

Liborio Simonella (Otello), Jeanette Pilon (Desdemona), Nelson Portella (Iago), Aldo Baldin (Cassio), Yedda Agnese (Emilia), Amaury René (Roderigo), Pedro Stomper (Ludovico), Carlos Dittert (Montana), Josué Ferreira Martin (Arruto), Coro e Orquestra do Teatro Municipal — Regente: Antônio Tauriello — Cenários: Yarema Ostrog — Figurinos: Hilda Perna — Maestros do coro: Andrés Maspero e Romão Gandolfi — Diretor de estudos: Manuel Celario — Régisseur e diretor geral do espetáculo: Oscar Figueroa.

cada nota, a qualidade do vibrato, a cor, a densidade, o volume do material que gerou os mais belos impulsos poéticos e as mais terríveis cargas dramáticas da ópera.

Os cenários não eram de Hugo de Ana, mas tinham bom gosto e perfeita adequação ambiental, inspirados nas obras de Carpaccio, e foram realizados esplendidamente pelo Centro da Funterj em Inhaúma.

No quadro de solistas prevaleceu o equilíbrio. Eram quase todos os estreados nos papéis e, certamente, haverá progresso no rendimento de cada um, nas próximas récitas. O soprano, cantora de grande experiência, mais célebre no mundo pela sua "Mélisande", na ópera de Debussy, fez uma belíssima "Ave Maria". Sua voz, que tem regiões belas nos agudos, apresentou uma ligeira aspereza e mingua de qualidades no mezzo forte, o que a levou a evitar a nuance, movendo-se mais entre os pianíssimos e os fortes, sempre, porém, com classe. O tenor não reeditou as gritarias de Mário del Monaco, no penúltimo "Otello" carioca. Isso pode ter decepcionado alguns fanáticos do bel-canto, mas esteve sempre à altura dos acontecimentos gerais. Suportou valentemente as violências com que Verdi trata sua voz nesse difícil papel, dosando com inteligência as curvas de histerismo determinadas pelas intrigas de "Iago", este a grande revelação na voz e no desempenho teatral do barítono Nelson Portella. A voz sensual, bem timbrada, fácil no fortíssimo e no pianíssimo, a vitalidade do intérprete, tudo contribuiu para a valorização do papel da intriga, do ódio e da vingança. Aldo Baldin, musical e impecável tecnicamente, esteve à altura do barítono; e "Emilia", a aia de "Desdémona", com pouca experiência de cena, podia ter sido melhor no trabalho de uma Maura Moreira, a grande cantora que a Ópera de Colônia roubou ao Brasil, mas não chegou a comprometer o nível superior do espetáculo, que não teve um momento ridículo. O Rio pode agora continuar a confiar no seu teatro de ópera.

A. H.

PARIS — (de Any Bourrier, correspondente do GLOBO) — Niomar Moniz Sodré volta ao Brasil esta semana. Em estado de choque desde que recebeu um telefonema de Heloisa Lustosa comunicando-lhe que o Museu de Arte Moderna foi destruído por um incêndio de grandes proporções, Niomar quer ver pessoalmente os estragos causados pelo fogo na obra que ela chama de "meu terceiro filho".

— Comigo ou sem mim, esse museu tem que ser refeito — disse ela ontem em Paris ao GLOBO.

— Agora tudo é cinza, mas o museu pertence à cidade, ao povo brasileiro. Acredito que todos vão colaborar na sua reconstrução.

Niomar não quis receber ninguém ontem em seu apartamento porque a notícia do incêndio causou-lhe grande emoção.

Só consigo dormir com tranqüilizantes, tenho medo de sonhar novamente com o

museu. Era o fruto de uma paixão, minha e de todos os que colaboraram comigo para que ele se tornasse realidade.

A hipótese de que o MAM fosse um dia destruído por um incêndio não lhe era estranha, pois sempre teve pesadelos com fogo no museu.

— Enquanto participei da vida do MAM, sempre verifiquei com cuidado se os extintores funcionavam bem, se não havia perigo de o museu queimar, porque o fogo era uma idéia fixa minha — confessou Niomar. — O fogo é simbólico. Talvez esse incêndio seja o sinal de uma nova vida para o país.

Ela não acredita que o incêndio tenha origem criminosa.

— Não se pode prejulgar, nem fazer conjecturas. Volto ao Brasil esta semana e quero ver pessoalmente o que aconteceu.

Se dependesse dela, Niomar recomeçaria tudo de novo.

— Mas as obras de arte são irrecuperáveis — recordou.

## EXPOSIÇÕES CANCELADAS

As duas exposições que ela estava organizando de Paris para o MAM vão ser canceladas. A primeira era a de Fred Forrest e a outra de Mário Pedrosa, sobre as raízes do Brasil, para a qual o Museu do Homem de Paris já havia emprestado material que Niomar qualifica de "notável". Mas ela espera que as atividades do museu possam recomeçar imediatamente, graças ao auxílio de artistas nacionais e estrangeiros. Na opinião de Niomar, é possível organizar uma campanha no Brasil e no exterior a fim de coletar obras de arte para a reconstrução do MAM.

A base disso seria o dinheiro, é claro, mas a colaboração dos artistas também é necessária. Não poderemos substituir o que queimou, cada quadro tinha sua his-

tória de sofrimento e alegria. Não consigo imaginar um trabalho artístico transformado em cinzas.

Niomar imagina o MAM reparado exatamente como o que queimou.

— A reconstrução tem que ser igual ao projeto anterior e estou disposta a fazer todos os esforços para que o MAM volte a funcionar.

Apesar do choque emocional, Niomar está otimista:

— "Nós encontraremos força necessária na hora exata para recomeçar tudo de novo. Já recebi o apoio de amigos de toda parte, Estados Unidos, Inglaterra e até da Tchecoslováquia. A imprensa noticiou ontem a destruição do MAM e a BBC fez uma reportagem especial sobre ele. Aqui na França, também, as manifestações de solidariedade foram muito grandes. Hoje desliguei o telefone e não quis receber ninguém em casa porque estou vivendo um pesadelo.

## Niomar Sodré volta ao Brasil

## Djanira, no hospital, sabe do incêndio mas não pode falar

A pintora Djanira, que há uma semana está internada no hospital Silvestre para repouso, ontem ainda não sabia da dimensão e consequência do incêndio no MAM. Seu médico, o cardiologista Mahaliei Rodrigues, não permitiu que o fato fosse revelado inteiramente e nem comentado com a pintora. Djanira tem somente um quadro no MAM — Plantação de café, de 1950 — que ficou intacto.

Com 64 anos, a pintora tem uma deficiência coronariana. Segunda-feira passada, sentiu-se mal e foi internada para repouso no Hospital Silvestre, no quarto 308. Apesar de passar bem, seu médico proibiu visitas. Ao saber do incêndio, ela pediu para não permitirem a visita de nenhum jornalista, pois não estava em condições de dar entrevistas.

## TABELA DE VALORES

PEQUENOS EMPREGADOS A PARTIR DE 1.º DE 1978
PEQUENOS EMPREGADOS A PARTIR DE 1.º DE 1978
DE 14 ATE 46 ANOS INCOMPLETOS
DE 46 ATE 60 ANOS INCOMPLETOS

AGÊNCIA NC

**roupas** **PROFISSIONAIS** **E DE UMBANDA**

Guarda-pós, Jalecos, Macacões, Penteadores, Uniformes para Empregadas, Camisas para Motoristas, Porteiros, Militares, Calças Brancas, Pretas, Marinho, Caqui, etc.

ACEITAMOS ENCOMENDAS ESPECIAIS.

**NOVO MUNDO**

Melhor preço da praça

MATRIZ 01 - AV. PASSOS, 83/89 ESQ. R. ALFÂNDEGA • TELS.: 221-6723

224-7369 • FILIAL 02 - PRAÇA TIRADENTES, 21

FILIAL 03 - AV. MARECHAL FLORIANO, 28

## DINHEIRO

De Cr\$ 4.000,00 até Cr\$ 23.000,00 para você comprar o que quiser e onde quiser.

Procure a agência Fico de sua preferência.

Centro - Av. Rio Branco, 156, subsolo 127 - s/lj. 208 - Tels.: 232-2008 • 252-7512

Copacabana - Rua Barata Ribeiro, 450/C - Tel.: 235-0683

Largo do Machado - 29, lj. 43 - Ed. Condor - Tels.: 265-2916 • 265-7224

Madureira - Maria Freitas, 110/B - Tels.: 390-5653 • 350-5506

Meier - Dias da Cruz, 74/A - Tels.: 249-6655 • 229-2200

Penha - Brás de Pina, 59 - lj. C - Tels.: 260-3687 • 230-8579

Tijuca - Santo Afonso, 274 - lj. G - Tel.: 264-2706

**FOMENTO NACIONAL S.A.**  
CRÉDITO FINANCIAMENTO E INVESTIMENTOS